

SIMPÓSIO 35

CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE: DAS COLOCAÇÕES ÀS EXPRESSÕES FIXAS

As construções com verbo suporte têm sido um tema desafiador que tem ocupado linguistas de diversas correntes teóricas, assim como para a lexicografia e o processamento de linguagem natural. A própria noção do que possa ser uma classe gramatical é colocada em questão com o estudo dessas construções, com tudo o que isso pode acarretar no estudo da estruturação da frase. Neste simpósio pretende-se abordar vários aspectos dessas construções, seja de sua constituição argumental, seja de seu valor semântico-aspectual-discursivo, passando também pelos estudos exaustivos feitos com essas construções, ou ainda usa descrição para criação de recursos linguístico-computacionais.

COORDENAÇÃO

Oto Araújo Vale

Universidade Federal de São Carlos
otovale@ufscar.br

DOS OBJETOS COGNATOS ÀS CONSTRUÇÕES COM VERBOS LEVES

Celda Morgado CHOUPINA (ESE-IPP)⁶⁹⁰

Resumo: Os objetos cognatos (*espirrar um espirro...*) podem ser parafraseados por verbos leves (*dar um espirro*). No entanto, algumas paráfrases afiguram-se agramaticais (**fazer um sono*) ou geradoras de várias leituras (*#fazer uma dança*). Os objetos cognatos são de vários tipos (CHOUPINA, 2013), sendo que os verdadeiros (*espirrar um espirro*) são mais restritivos sintática e semanticamente. Esta comunicação tem como objetivo fazer um paralelo entre os objetos cognatos e as construções com verbos leves, a partir da análise de alguns aspetos sintáticos e semânticos típicos dos objetos cognatos em PE, a partir das propostas anteriores (MIRTO, 2007; GONÇALVES *et al.*, 2010).

Palavras-chave: Sintaxe. Objetos cognatos. Verbos leves. Estrutura argumental.

1. Introdução

Em diversas línguas do mundo há construções com objetos cognatos (OC), como (1) a (4) ilustram para o Português Europeu (PE), o Francês (F), o Inglês (I) e o Espanhol (E) respetivamente.

- (1) Ele espirrou *um espirro deselegante*. [Português Europeu]
- (2) Le bébé a pleuré *un pleur convulsif*. (CHOUPINA, 2012) [Francês]
- (3) She slept *the sleep of the just*. (Hale & Keyser, 2002, p. 71) [Inglês]
- (4) Juan cantó *una canción*. (Gallego, 2008, p. 6) [Espanhol]

Estas construções são consideradas objetos cognatos (HALE & KEYSER, 2002) ou argumentos sombra (PUSTEJOVSKY, 1998), sendo constituídas tipicamente por um verbo e um nome cognatos morfologicamente (*espirrar-espirro*, para o PE). No entanto, o verbo e o nome não apresentam a mesma relação sintático-semântica em todas as construções, como veremos pelos dados apresentados nas secções seguintes.

Duas hipóteses principais serão exploradas:

- (i) em PE, justificam-se quatro tipos de objetos cognatos (OC) distintos (cf. CHOUPINA, 2013), com propriedades comuns, mas também com propriedades que os diferenciam: OC verdadeiros, com obrigatoriedade de artigo indefinido e modificador (*espirrar um espirro deselegante*); OC aparentados, sem restrição de indefinidade e modificação (*dançar uma/a dança*); objetos hipónimos, relação hipo/hiperonímica, (*dançar um tango*), e OC preposicionais, encabeçados por preposição e com restrições fortes de indefinidade e modificação (*morrer de uma morte trágica*);
- (ii) as paráfrases dos OC por construções com verbos leves (ou suporte) são produtivas em PE (*fazer um choro*, *cair uma chuva miudinha*, *dar um espirro*); no entanto, algumas paráfrases afiguram-se difíceis, pela agramaticalidade gerada (**fazer um sono*) ou pelas leituras semânticas que criam (*#fazer uma dança*), o que talvez possa corroborar a hipótese de vários tipos de OC e também de verbos leves.

As Línguas Românicas colocam problemas novos e, em parte, põem em causa o tratamento clássico do fenómeno dos OC, encetado por HALE & KEYSER (2002), principalmente para o Inglês, assim como a perspetiva contrastiva de REAL-PUIGDOLLERS (2008), análises desenvolvidas no âmbito de teorias lexicalistas. Por considerarmos necessárias as abordagens contrastivas dos fenómenos contruções com verbos cognatos

⁶⁹⁰ Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, Porto, Portugal. E-mail: celda@ese.ipp.pt.

(doravante V_{cog}) e construções com verbos leves (doravante V_{lev}), daremos especial enfoque às propostas de MIRTO (2007) e GONÇALVES *et al.* (2010).

2. Construções com objetos cognatos em PE

2.1. Algumas restrições e tipos de OC

Os OC em estudo surgem na posição de OD e podem ser acolhidos por verbos tradicionalmente considerados intransitivos (5), de alternância transitiva /intransitiva (6) e inacusativos (7).

- (5) Ele **espирrou** *um espirro deselegante*.
- (6) Os guerreiros **dançaram** *uma dança esquisita*.
- (7) O assaltante **morreu** *de uma morte atroz*.

Os objetos cognatos em itálico nos exemplos (5) e (6) são SN formados por um determinante indefinido, um nome cognato do verbo e um modificador adjetival (SN=[Det_{ind}+N_{cog}+Adj]), duas propriedades que não apresentam o mesmo estatuto em ambas as construções: em (5) são restrições obrigatórias para a boa formação da construção; em (6) apresentam-se opcionais. Vejamos os testes em (8) e (9).

- (8) a) *Ele espirrou o espirro deselegante.
- b) *Ele espirrou um espirro.
- c) *Ele espirrou o espirro.
- (9) a) Os guerreiros dançaram a dança esquisita.
- b) Os guerreiros dançaram uma dança.
- c) Os guerreiros dançaram a dança.

As construções em (9) melhoram em função da existência de discurso contextualizador⁶⁹¹, enquanto os exemplos com o verbo *espurrar* continuam agramaticais.

O exemplo (7), em PE, contém um SP em vez de um SN na posição de objeto, embora em línguas como o Português do Brasil (LEUNG, 2007) e o Inglês (HALE & KEYSER, 2002) admita a construção com um SN, como em (10).

- (10) a) O assaltante **morreu** *uma morte atroz*. (PB)
- b) The robber **died** *an atrocious death*. (I)

Consideraremos, no seguimento de estudos anteriores (cf. CHOUPINA, 2013), que a natureza preposicional do sintagma em que o OC se encontra não é impeditiva da existência de OC verdadeiro, uma vez que, em certas línguas⁶⁹², esses OC são também SN, como foi ilustrado. Neste sentido, os OC em (5) e (7) são OC verdadeiros, com as mesmas restrições, e o OC em (6) é aparentado.

O que parece claro, até ao momento, é que existem duas condições para a gramaticalidade dos OC verdadeiros em PE: indefinidade e modificação. No entanto, o critério da indefinidade não tem sido considerado absolutamente uniforme e distintivo por todos os estudiosos das Línguas Românicas, como é o caso de REAL-PUIGDOLLERS (2008, p. 170). Ao estudar línguas como o Espanhol, o italiano e o Francês, a autora recusa a indefinidade

⁶⁹¹ Frases do tipo (i) e (ii) seriam perfeitamente bem formadas em PE.

- (i) Os guerreiros dançaram a dança esquisita e os visitantes dançaram a dança conhecida.
- (ii) Todos os dias em que lá estivemos, os guerreiros dançaram a dança.

⁶⁹² Em Francês, os OC preposicionais são muito comuns, vejam-se os exemplos seguintes, em que no Espanhol e no Inglês temos SN:

- (i) a) Reir *la risa de un niño*. [Espanhol]
- b) Rire *d'un rire d'enfant*. [Francês]
- (ii) a) She slept *the sleep of the just*. [Inglês] (HALE & KEYSER, 2002, p. 71)
- b) Elle a dormi *du sommeil du juste*. [Francês]
- (iii) a) He laughed *his last laugh*. [Inglês] (HALE & KEYSER, 2002, p. 71)
- b) Il a ri *de son dernier rire*. [Francês]

como propriedade básica dos OC, sustentando o seu ponto de vista com exemplos estritamente idiomáticos, como os transcritos em (11). Afastar-nos-emos desta conceção (cf. também em CHOUPINA, 2013) e aceitaremos a indefinidade como condição *sine qua non* para a existência de OC verdadeiros.

(11) a) Reir la risa de un niño. (Espanhol)

b) Pleurer toutes les larmes de son corps. (Francês)

Também a possibilidade de substituição de um OC por um objeto hipónimo (OH) reforça a distinção entre os OC verdadeiros e os OC aparentados. Na construção (6), o OC aparentado pode ser substituído por um OH, enquanto a substituição de um OC verdadeiro, como em (5), por um OH produz agramaticalidade, o que comprova a impossibilidade de alternância OC verdadeiro/OH, como (12) e (13) ilustram.

(12) Os guerreiros **dançaram** *uma Tamenaibuga*⁶⁹³/*a Tamenaibuga/Tameneibuga*.

(13) Ele **espirrou** *um *(espirro) alérgico/*o espirro alérgico/?espirro alérgico*.

Em (12), o verbo *dançar* pode ser substituído por um OH, seja com um artigo indefinido (*uma Tamenaibuga*), seja com um definido (*a Tamenaibuga*) ou vazio (*Tamenaibuga*) e sem modificador restritivo; em contraste, *espirrar* (13) não fornece nenhum hipónimo e o OC exige sempre o nome *choro* (*um *(espirro) alérgico*), um artigo indefinido e um modificador restritivo. Ainda que *um espirro alérgico* tenha uma aproximação à leitura “tipo de”, a presença do nome cognato do verbo atribui à construção um estatuto diferente do OH com o verbo *dançar*, *uma Tamenaibuga*.

GALLEGO (2012, p.103) segue igualmente esta linha de distinção, para o espanhol *standard*, denominando as construções com os verbos *cantar*, *comer* e *beber* hipónimos alternantes; também SILVA (2010, p. 17), para o PB, designa estas construções com verbos de alternância como verbos com objetos cognatos não prototípicos, por oposição aos verbos com cognatos prototípicos.

Nesta linha de pensamento, consideraremos como verbos propícios à construção com OC aparentado os verbos de ingestão (*comer*, *beber*, *fumar*, etc.), os verbos de movimentos (*dançar*, *caminhar*, *correr*, etc.) e alguns relativos a atividades intelectuais (*estudar*, *ler*); consideraremos os verbos de reação física (*espirrar*, *tossir*, *rir*, *sorrir*, *chorar*, *dormir*, etc.), alguns cognitivos (*sonhar*, *pensar*) e alguns verbos de estado meteorológico (*chover*, *trovejar*, *relampejar*, *nevar*, etc.) como verbos favoráveis a construções com OC verdadeiro.

Têm sido ainda referenciados vários tipos de OC na literatura, sendo que muitas teorias tocam a distinção entre OC verdadeiro e OC aparentado, sem utilizar, porém, esta terminologia. Segundo TAKAMI & KUNO (2002); citado por KITAHARA (2006; 2007), há duas categorias semânticas de construções com OC em Inglês, construções predicativas (14) e construções referenciais (15).

(14) Mary smiled *Marilyn Monroe's smile*. (KITAHARA, 2006, p. 125)

(15) a) Sam smiled *a beautiful smile*. (KITAHARA, 2007, p. 67)

b) Harry lived *an uneventful life*. (JONES, 1988, p. 91)

c) John died *a gruesome death*. (JONES, 1988, p. 89)

Os OC do tipo (14) não são referenciais, até porque não permitem a pronominalização e dificilmente aceitam a topicalização, como em (16) se ilustra, sendo considerados por TAKAMI AND KUNO (2002) objetos predicativos; enquanto os SN de (15) são considerados referenciais, parafraseáveis por advérbios e/ou adjetivos adverbiais, como em (17).

(16) a) *Mary smiled it, too.

b) *Was Marilyn Monroe's smile that smiled Mary.

(17) a) Sam smiled *beautifully*.

b) Harry lived *uneventfully*.

c) John died *gruesomely*.

⁶⁹³ Tipo de dança folclórica africana de Uganda.

Esta distinção semântica afigura-se-nos interessante para o paralelo entre as construções com OC e construções com verbos leves que a seguir se desenvolve.

2.2. Os OC e os verbos leves

Em diversas línguas, nomeadamente no PE, as construções cognatas podem ser parafraseadas por construções com verbos leves ou suporte⁶⁹⁴. Porém, a substituição não se revela uniforme com todos os verbos e os tipos de OC já mencionados – OC verdadeiros e OC aparentados. Neste sentido, há graus diferentes de aceitabilidade das construções com verbo_{lev}, (18) e (19), e há mesmo várias leituras para certas construções, como em (20) e (21)⁶⁹⁵.

- (18) O bebé *deu um espirro*.
- (19) O bebé **deu/?fez/?teve um choro sufocante*.
- (20) #O bebé *teve um sono irritante*.
- (21) #Os guerreiros *fizeram uma dança esquisita*.
- (22) O assaltante *teve uma morte atroz*.

Se na construção (18), com o par cognato *espirrar-espirro*, a substituição do verbo *espirrar* pelo verbo leve *dar* é perfeitamente possível, no par *chorar-choro*, (19), a paráfrase é mais restritiva e há mais dificuldade em optar por um dos verbos leves disponíveis em PE: com *dar* o exemplo é agramatical e com *fazer* e *ter* é duvidoso, embora melhore com *ter*. Propriedades aspetuais intrínsecas aos diferentes verbos_{lev} poderão explicar (pelo menos parcialmente) esta questão (cf. GONÇALVES *et al.*, 2010).

Nos exemplos (20) e (21), as paráfrases geram, pelo menos, duas leituras diferentes: em *ter um sono irritante* podemos admitir uma primeira leitura em que o bebé teve sono e dormiu efetivamente e uma segunda, em que o bebé revelou um estado de cansaço irritante, mas não dormiu (por razões não identificadas); em *fizeram uma dança esquisita* entendemos, igualmente, duas leituras – os guerreiros criaram uma dança esquisita, enquanto autores, ou os guerreiros executaram uma dança que era esquisita.

Desta breve análise e num primeiro momento, poderíamos pensar que as paráfrases de OC por verbos leves estivessem mais facilmente disponíveis para os OC verdadeiros do que para os OC aparentados. No entanto, os exemplos antes analisados continham paráfrases de OC verdadeiros, nomeadamente (18), (19) e (20), e de OC aparentados, como é o caso do exemplo (21).

Em (22), a paráfrase é boa e prova que o constituinte *uma morte atroz* pode ser um SN e a preposição exigida pelo verbo *morrer*, em algumas línguas, quando este se combina com o cognato nominal, parece funcionar como licenciadora de mais um constituinte interno ao predicado. Dizemos mais um constituinte porque, a partir de Perlmutter e a hipótese inacusativa, se pensa que o sujeito, nos verbos inacusativos, é gerado na posição de argumento interno; ora, estando a posição de argumento interno ocupada, era necessário providenciar uma outra posição para o OC.

⁶⁹⁴ Uma das várias línguas inergativas em que há construções com verbos leves, que apresentam a configuração básica, portanto sem incorporação, no entendimento de HALE & KEYSER (2002), é o Basco. GALLEGO (2012) apresenta evidências do Basco para as construções com verbos leves (i).

- (i) a. negar egin (=chorar)
- b. eztul egin (= tossir)
- c. barre egin (= rir)
- d. lo egin (= dormir)
- e. zurrunga egin (= roncar)

⁶⁹⁵ Utilizaremos os seguintes diacríticos para marcar os juízos de valor: sem diacrítico – totalmente gramatical; asterisco (*) - agramatical; ponto de interrogação (?) - duvidoso; cardinal (#) - várias ou outras leituras.

Assim, alguns verbos inacusativos não aceitam OC, como em (23) e (24), para o Inglês e o Português; alguns verbos de alternância incoativa também não, (25).

- (23) a) *He arrived an early arrival. (SILVA, 2010, p. 51) [I]
 b) *Ele chegou uma chegada antecipada. [PE]
- (24) a) *The baby was born a difficult birth. [I]
 b) *O bebê nasceu *(de) um nascimento difícil. [PE]
- (25) a) *The glass broke a crooked break. (TAKAMI & KUNO, 2002, p. 134) [I]
 b) * O vidro quebrou uma quebra torta. [PE]

Vejam os exemplos de que acontece com o verbo inergativo *dormir*, no PE, nos exemplos (26), em primeiro lugar.

- (26) a) O bebê dormiu.
 b) O bebê dormiu um sono/*uma dormida.
- (27) *Dormiu uma dormida agradável.* [PB]
- (28) *We slept a refreshing sleep.* [I]

O verbo *dormir*, seguido de OC, em PE, apenas permite a coocorrência com o nome *sono* e não com o nome cognato morfológico (cf. **dormir uma dormida*), (26b). Este tipo de construção (*dormir-sono*) pode também ser considerado um OC verdadeiro (um tipo b.); isto por quatro razões: (i) o PE não fornece nenhum cognato nominal morfológico do verbo, daí a agramaticalidade de **dormir uma dormida*; (ii) o nome autorizado na construção é semanticamente cognato (*dormir um sono*); (iii) há línguas que permitem o cognato morfológico, como o Português do Brasil (27) e o Inglês (28); (iv) há línguas com produtividade de construções com verbos_{lev}.

3. Predicados com verbos cognatos (V_{cog}+OC) e predicados com verbos leves (V_{leve}+OC)

No âmbito da discussão acerca do estatuto argumental e funções sintático-semânticas dos OC, bem como do estatuto de predicado dos verbos que os acolhem, por um lado, e dos verbos leves, por outro, convém olharmos criticamente para algumas propostas. Veremos, em particular, duas propostas, de alguma forma, aparentemente antagônicas: a proposta dos OC como integrados num predicado nominal, à semelhança dos predicados com verbo_{lev}, de MIRTO (2007), para o Inglês, e a de GONÇALVES *et al.* (2010), para a defesa dos verbos_{lev}, no PE, como predicados complexos.

MIRTO (2007), em retoma de MOLTSMANN (1989), defende a natureza predicativa dos OC, ao considerá-los inseridos num predicado nominal, tal como ocorre nas construções com verbos leves. Considera, então, os nomes *postverbais* como nomes predicativos. Vejamos os exemplos do autor em (29) e (30).

- (29) The two boxers fought. (MIRTO, 2007, p.2)
 ‘Os dois pugilistas combateram.’
- (30) The two boxers had a fight. (MIRTO, 2007, p.3)
 ‘Os dois pugilistas tiveram um combate.’

Na frase (29), o verbo *fight* atribui função sintática de sujeito a *the two boxers* e uma interpretação semântica relacionada com combater/lutador. O Inglês dispõe da paráfrase em (30), com o verbo leve *have* [ter], em que o nome *postverbal fight* [combate] é que atribui a *the two boxers* tanto a função sintática como o papel semântico, as quais parecem, segundo a proposta de MIRTO (2007), totalmente comparáveis às de (29). Assim, as frases (29) e (30) são a paráfrase uma da outra e implicam-me mutuamente. Para Mirto, porém, uma paráfrase ou uma implicação são entendidas apenas com referência ao significado base, ou seja, o significado deriva das funções sintática e semântica atribuídas pelo predicado (seja verbal ou nominal). Em (29) e (30), existem, simultaneamente, duas leituras implicadas: (i) um evento combate existe; (ii) dois pugilistas são lutadores.

Um outro argumento do autor a favor desta aproximação das duas construções é a inserção de um advérbio na construção com um verbo pleno (31a) e a corresponde inserção de um adjetivo na construção com verbo leve (31b).

- (31) a) The two boxers fought *ferociously*. (MIRTO, 2007, p.3)
 ‘Os dois pugilistas combateram ferozmente.’
 b) The two boxers had a *ferocious* fight. (MIRTO, 2007, p.3)
 Os dois pugilistas tiveram um feroz combate.
 ‘Os dois pugilistas tiveram um combate feroz’

No exemplo (31), as relações de paráfrase e de implicação permanecem inalteradas com as inserções, sendo que o mesmo efeito sintático-semântico é criado por ambas as modificações. Este efeito pode ser observado também nas estruturas com OC. Em inglês, a modificação de um nome é semanticamente comparável à modificação de um verbo⁶⁹⁶, como em (33) para (32).

- (32) He grinned wickedly. (MIRTO, 2007, p.3)
 Ele sorriu maliciosamente.
 (33) He grinned a wicked grin. (MIRTO, 2007, p.3)
 Ele sorriu um malicioso sorriso.
 ‘Ele sorriu um sorriso malicioso’

Assim, as relações entre (32) e (33) sugerem, para MIRTO (2007), que em (33) o nome *grin* é predicativo e o verbo *grin* é um verbo leve. Esta hipótese nasceu da relação sintática e semântica que parece haver entre um nome *postverbal* e o sujeito da oração. Esta é a razão pela qual MIRTO (2007) defende também que, numa frase como (34), *life* é o núcleo nominal de um OC predicativo, tal como ocorre nas construções com verbo leve (cf. também MITTWOCH, 1998).

- (34) She lived a good life. (MIRTO, 2007, p.3)
 Ela viveu uma boa vida.
 ‘Ela viveu uma vida boa.’

Para MIRTO (2007), os OC recebem, então, a função sintática de nomes predicativos, porque inseridos num predicado nominal semelhante ao das construções com verbos_{lev}. Naturalmente, o autor está aqui a refletir a existência de verbos_{lev} diferentes: uns [+lexicais] e outros [-lexicais]. No grupo dos verbos_{lev} [+lexicais] teríamos os verbos_{cog} e no conjunto dos [-lexicais] teríamos os típicos verbos_{lev}.

Vários problemas devem ser discutidos a partir desta proposta de Mirto: (i) podendo ser estes OC, como vimos na secção anterior, referenciais (e não predicativos), pensamos que está a fazer-se uma generalização abusiva; (ii) podendo haver a hipótese de estarmos perante uma oração pequena (*small- clause*) em “uma vida boa”, pensamos que pode estar a estender-se a possível função predicativa do adjetivo *boa* a todo o SN; (iii) podendo as modificações por advérbio de um predicado e por um adjetivo de um nome, como as que Mirto sugere, ser problemáticas, por poderem gerar leituras diversas, estarão a aproximar-se questões de base bem diferentes. Parte dos problemas aqui levantados ficarão sem uma resolução cabal, por limite de tempo/espço e serão discutidos em trabalhos futuros. No entanto, resolveremos, parcialmente, as questões se adotarmos a proposta de dois tipos de verbos_{lev}, sendo que os verbos_{cog} se assemelhariam aos verbos_{lev} [+lexicais].

Tomemos em consideração, agora, a proposta de predicados complexos com verbos_{lev} de GONÇALVES *et al.* (2010). Em PE, existem verbos leves que, quando combinados com um nome deverbal, integram um predicado complexo, com propriedades de seleção sintática e semântica – é o caso dos verbos leves *dar*, *fazer* e *ter*, segundo GONÇALVES *et al.* (2010).

⁶⁹⁶ “Modification of the noun [...] is semantically comparable to modification of the verb” (HUDDLESTON, R. & PULLUM, G. K. (2002). *The Cambridge Grammar of the English Language*, Cambridge: CUP) *apud* MIRTO (2007, p.3)

Os autores apresentam as seguintes propriedades como argumentos a favor da ideia de que os verbos leves são predicados complexos⁶⁹⁷:

(i) *os verbos leves podem preservar a estrutura argumental do verbo pleno correspondente:*

- (35) a) O Pedro deu uma gravata ao pai. (PE)
 b) O Pedro deu uma leitura ao texto. (PE)
 c) O Pedro deu uma lida ao/no texto. (PB)

O verbo leve *dar*, nos exemplos (35b e c), preserva a estrutura argumental de três argumentos, tal como no verbo pleno em (35a). Mas, se pensarmos em estruturas cognatas com verbos tipicamente de 0 argumentos internos, como são os verbos *espirrar* e *dormir*, tal já não se verifica, como nos exemplos (1) e (23), para o PE e o PB respetivamente, aqui repetidos como (36) e (37).

- (36) a) Ele espirrou *um espirro* *(*deselegante*).
 b) Ele deu *um espirro* (*deselegante*).
 (37) *Dormiu* uma dormida ?(*agradável*).
 b) Deu uma dormida (*agradável*).

De facto, o verbo leve, nestes exemplos, não está sujeito às mesmas restrições sintáticas, número de argumentos, que os verbos plenos correspondentes, nem às mesmas restrições sintático-semânticas das construções com verbo e objeto cognatos, uma vez que aquelas não exigem modificador restritivo no SN e estas exigem.

(ii) *os verbos leves também são responsáveis para seleção semântica do argumento externo, contrariamente ao que acontece com os verbos auxiliares:*

- (38) a) O João tinha empurrado o carro que estava estacionado.
 b) A chuva tinha empurrado o carro que estava estacionado.
 (39) a) O João deu um empurrão ao carro que estava estacionado.
 b) *A chuva deu um empurrão ao carro que estava estacionado.

GONÇALVES *et al.* (2010) justificam a agramaticalidade de (37b) em função das propriedades de seleção do verbo leve *dar*, que, contrariamente ao verbo pleno *empurrar* (num tempo composto e auxiliado por *ter*, em (36)), parece não admitir um argumento externo Causa com o traço de [-animado], como acontece em (38b), *a chuva*. Porém, consideramos, numa linha ligeiramente diferente da dos autores, que as propriedades de seleção poderão ser do predicado composto e não estritamente do verbo leve, dado que aquele inclui um nome tradicionalmente considerado deverbal e que em Morfologia Distribuída (MD) se considera formado da mesma raiz (acategorial) que forma o verbo. Uma raiz, no modelo da MD, é inserida na estrutura sintática apenas com traços mínimos de significado, que lhe permitem, contudo, ao fundirem-se com os *f*-morfemas (morfemas de categoria), fazerem a seleção sintática e semântica do argumento externo e do interno, se assim puder ser considerado.

(iii) *os verbos leves preservam parte do significado e da estrutura argumental dos verbos plenos correspondentes:*

- (40) O João deu uma gravata ao pai.
 (41) O João deu um abraço ao pai.

Em (40), há uma transferência da entidade *uma gravata* do possuidor A [o João] para o possuidor B [o pai], como resultado de uma situação eventiva intencional; em (41), podemos admitir que parte do significado de transferência é mantida, pelo que a situação eventiva da transferência intencional também se mantém, ainda que se coloquem, pelo menos, dois problemas: em (41), um abraço (supostamente entidade a transferir) não é uma entidade autónoma do evento, como em (40), ou seja, não pré-existe nem subsiste posteriormente ao

⁶⁹⁷ Apenas utilizaremos os exemplos com o verbo leve *dar*, por limites de espaço.

evento de abraçar o pai, por ser um *possessum* inalienável do evento. No entanto, preserva-se a existência de três argumentos, tal como os autores pretenderam defender.

A análise crítica destas duas propostas permite-nos retirar algumas conclusões: (i) as construções com OC são apenas parcialmente parafraseáveis por verbos_{lev}; (ii) as paráfrases por verbos leves mantêm apenas parcialmente as estruturas argumentais dos verbos plenos correspondentes; (iii) as construções com verbo_{cog} e as construções com verbo_{lev} aproximam-se, porém, distinguem-se no conteúdo informativo, pelo que uma serão consideradas [+lexicais], porque mais informativas, que as outras.

Parece-nos, desta forma, importante equacionar, na tentativa de solucionar a problemática aqui enunciada, a existência de tipos de verbos_{lev} diferentes, assim como verbos_{cog}, o que promove outro tipo de discussão e talvez a aceitação de uma classificação escalar, quanto à fixidez, para os tipos de verbos – um *continuum* do tipo do adotado por RASSI (2008). À proposta de RASSI (2008) acrescentemos, de forma embrionária e a partir deste breve estudo, a classe de verbos_{cog} (verbos que acolhem os OC) como situada entre o verbo pleno e o verbo leve, como ilustrado em (42).

(42) *Escala de fixidez*: verbo pleno» verbo cognato» verbo leve» expressão cristalizada (adptado de RASSI, 2008, p. 17)

4. Algumas conclusões

Neste breve estudo refletimos sobre as paráfrases de construções com OC, na posição de OD, por construções com verbos leves. Partimos das propriedades típicas dos vários tipos de OC, seguindo a linha de trabalhos anteriores (CHOUPINA, 2013): categoria do OC; tipo de verbo que o acolhe; estrutura do SN; restrições sintáticas e semânticas nucleares dos OC verdadeiros; alternância OC/OH.

Em primeiro, uma das conclusões que ressalta desta análise é a dificuldade em parafrasear todas as construções cognatas por construções com verbos_{lev}, dados os possíveis tipos de verbos_{lev} existentes nas línguas, o que revela a pertinência desta linha de investigação e a necessidade de definição de tipos de OC e de tipos de construções com verbos_{lev}. Em segundo, as propostas teóricas aduzidas, nomeadamente a de MIRTO (2007), a de GONÇALVES et al. (2010) e a de RASSI (2008), permitiram-nos sustentar uma tentativa de solucionar a problemática relação entre os tipos de construções em estudo, pela proposta de uma classificação escalar de tipos de verbos – sendo que os verbos cognatos estariam entre os verbos plenos e os verbos leves.

Como este é um estudo *in progress* e esta linha de investigação justifica um desenvolvimento, tentaremos seguir esta discussão em trabalhos futuros.

Referências Bibliográficas

CHOUPINA, Celda. Contributos para uma análise sintática dos Objetos Cognatos em PE. *Studia Romanica Posnaniensia*. Vol. XL(1). Poznań, 2013.

GALLEGO, Ángel. A note on cognate objects: cognation as doubling. In BENTZEN K. & FÁBREGAS A. (eds.) *Nordlyd* 39.1: University of Tromsø, 2012. p. 95-112. Disponível em <http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/>. Acesso em: 11, maio, 2012.

GONÇALVES, Anabela et al. Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva. In *Textos Seleccionados*, ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, XXV, 2010, Porto. Atas, Porto: APL, 2010. p. 449-464.

HALE, Ken & KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

JONES, Michael Allan. Cognate objects and the case filter. *Journal of Linguistics* 24, 1988. pp. 89-110.

KITAHARA, Ken-ichi. On the Predicative Cognate Object construction and the Adjunct Resultative Construction: A Construction Grammar Approach to language Universals. In *Tsukuba English Studies*, vol. 26, 2007. p. 67-90. Disponível em: <http://www.tulips.tsukuba.ac.jp/limedia/dlam/M92/M921496/6.pdf> . Acesso em: 27, maio, 2012.

LEUNG, Renata. *Um estudo sobre os objetos cognatos e os adjetivos adverbiais no português do Brasil*. 2007. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dl/pos/teses/LEUNGrenata.pdf> . Acesso em: 20, mar, 2012.

MITTWOCH, Anita. Cognate objects as reflections of Davidsonian event arguments, in S. Rothstein (org.), *Events and Grammar*, Kluwer. Dordrecht, 1998. p. 309-332.

MOLTMANN, Friederike. Nominal and Clausal Event Predicates. In *CLS* 25, 1989. p. 300-314. Disponível em <http://semantics.univ-paris1.fr/pdf/Nominal%26Clausal-Event-Predicates.pdf> (20/12/2012).

PUSTEJOVSKY, James. *The Generative Lexicon*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1998.

RASSI, Amanda Pontes. Estatuto sintático-semântico do verbo fazer no Português escrito do Brasil. 2008. 124 páginas. Tese de mestrado em Linguística e Língua Portuguesa - Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em http://bdtd.ufg.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=650 . Acesso em: 20, mar, 2013.

REAL-PUIGDOLLERS, Cristina. The Nature of Cognate Objects. A Syntactic Approach. In *Proceedings ConSOLE XVI*, 2008. p. 157-178. Disponível em: <http://media.leidenuniv.nl/legacy/console16-real-puigdollers.pdf> . Acesso em: 27, maio, 2011.

SILVA, Marcelo. As Construções com Objeto em Português: análise baseada no uso de um desencontro sintático-semântico e sua modelagem formal pela gramática das construções. 2010. Tese de doutoramento em Linguística - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010. Disponível em <http://www.ufjf.br/framenetbr/publicacoes/> . Acesso em: 20, abr, 2012.

TAKAMI, Ken-ichi & KUNO, Susumo. Doozoku Mokutekigo Koobun to Hi-nookakuasei, *Nichi-eigo no Jidooshi Koobun*, Tokyo: Kenkyusha, 2002. p. 133-177.

RELAÇÕES SEMÂNTICAS ENTRE CONSTRUÇÕES COM VERBOS-SUPORTE

Amanda Pontes RASSI (UFSCar)⁶⁹⁸

Cláudia Dias de BARROS (UFSCar)⁶⁹⁹

Maria Cristina A. dos SANTOS-TURATI (UFSCar)⁷⁰⁰

Resumo: Este artigo apresenta uma comparação entre construções com os verbos-suporte *dar*, *ter* e *fazer* seguidos de nomes predicativos, propondo uma tipologia de classificação semântica. Inúmeros trabalhos propõem a classificação sintática dessas construções, mas são raras as abordagens semânticas, dada a dificuldade de formalização das propriedades. Foram analisados 143 nomes predicativos que co-ocorrem com esses três verbos-suporte, e as construções complexas foram distribuídas em cinco classes, definidas como as seguintes relações semânticas: causa, efeito, identidade, simetria e conversão.

Palavras-chave: Verbo-suporte. Nome predicativo. Relações semânticas.

1. Introdução

As construções com verbo-suporte são bastante recorrentes em língua portuguesa e em várias outras línguas. Surge daí a necessidade de reconhecer essas construções e descrevê-las, de forma que essa descrição possa avançar o estado da arte ou possa subsidiar sistemas e ferramentas de tratamento automático da língua. As construções com verbo-suporte já foram longamente explicadas e descritas por outros autores (ver Seção 2), mas essa descrição geralmente se restringe a critérios sintáticos. O aspecto semântico subjacente às construções com verbos-suporte normalmente é relegado a segundo plano dada a dificuldade em formalizar as relações semânticas.

Nesse sentido, o presente trabalho busca discutir as relações semânticas estabelecidas entre pares de construções com diferentes verbos-suporte. Este artigo apresenta uma análise comparativa entre 143 nomes predicativos associados a três diferentes verbos-suporte, a saber: *dar*, *fazer* e *ter*.

Em língua portuguesa existem bastantes verbos que podem funcionar como suporte, porém os três verbos selecionados para esta análise são, juntamente com *ser* e *estar*, os verbos mais produtivos das línguas latinas (LA FAUCI; MIRTO, 2003), o que justifica sua escolha.

Verbos-suporte são frequentemente definidos como verbos esvaziados semanticamente, servindo apenas para suportar as marcas de tempo, modo, número e pessoa, as quais não podem ser marcadas diretamente no nome predicativo. Maurice Gross, um dos precursores da área, definiu-os como “verbos semanticamente vazios que permitem construir um sintagma nominal (SN) com uma nominalização (V-n) em relação de paráfrase com um sintagma verbal (SV): ‘*gifler / donner une gifle*’ (estapear/dar um tapa)” (GROSS; VIVÉS, 1986, p.14). Neves (2000, p. 53) adota a mesma posição, explicando que “são bastante esvaziados do ponto de vista semântico e formam com o seu complemento (objeto direto) um significado global”.

Essas definições, que consideram o verbo semanticamente “vazio” ou “esvaziado”, são reproduzidas por vários outros estudos que têm como foco o verbo-suporte. De fato, na

⁶⁹⁸ Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil. E-mail: amandarassi85@gmail.com

⁶⁹⁹ Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil. E-mail: claudias84@gmail.com

⁷⁰⁰ Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, Brasil. E-mail: andrade.cristina@gmail.com

comparação entre as construções (1) e (2), o verbo-suporte *fazer* parece não ter nenhum significado, podendo ser considerado um verbo “vazio semanticamente”.

(1) *O jornal fez uma entrevista com Jô.*

(2) *O jornal entrevistou Jô.*

Em contrapartida, se compararmos a construção (1) com outra construção com verbo-suporte, como (3), perceberemos que o verbo não é tão esvaziado quanto se costumava considerar.

(3) *Jô deu uma entrevista ao jornal.*

Com base nisso, os trabalhos mais recentes (GROSS, 1998) passaram a considerar como predicador da frase não apenas o verbo-suporte nem apenas o nome predicativo, e sim a construção como um todo. Tradicionalmente os verbos são considerados os predicadores das frases, porém, em muitos casos, o predicador pode ser um adjetivo ou um substantivo. No caso das construções com verbo-suporte, muitos autores elegem o nome predicativo como o predicador que seleciona seus argumentos. Neste artigo, porém, defendemos a noção de predicado complexo (DURAN *et al.*, 2011), admitindo que o verbo-suporte “se combina com um nome para tornar-se um predicado completo, dado que alguns substantivos e adjetivos podem evocar argumentos internos, mas precisam ser associados a um verbo para evocar o argumento externo, isto é, o sujeito” (DURAN *et al.*, 2011, p. 75).

O foco deste estudo está, portanto, na combinação entre o verbo-suporte e o nome predicativo (Npred) que com ele constitui uma nominalização, investigando as diferenças semânticas entre construções que possuem o mesmo Npred ocorrendo com os três verbos citados. As correlações sintáticas entre esses predicados complexos foram identificadas em outros trabalhos (RASSI *et al.*, 2013; BARROS *et al.*, 2013), mas ainda se faz necessário estabelecer as correlações semânticas entre essas construções.

2. Estado da arte

Há na literatura inúmeros trabalhos que identificam e descrevem as construções com verbos-suporte. Dentre os estudos de referência, destacam-se as descrições dos predicados nominais em francês (LECLÈRE, 1971; GROSS, 1975, 1981; LABELLE, 1984; GIRY-SCHNEIDER, 1978, 1987a, 1987b); as descrições do português europeu (PE) (RANCHHOOD, 1990; BAPTISTA, 1999, 2005a, 2005b; ATHAYDE, 2001; CHACOTO, 2005); e análises dos verbos-suporte e nomes predicativos em português do Brasil (PB) (NEVES, 1996; BASÍLIO, 1999; SCHER, 2004; DURAN *et al.*, 2011).

A maioria deles lida basicamente com as propriedades sintáticas das construções com verbo-suporte. A abordagem de propriedades semânticas que se usa para essas descrições se limita à indicação de traços semânticos dos argumentos que o predicado complexo seleciona. Distinguem-se, por exemplo, i) sujeito humano e não-humano; ii) complemento humano, não-humano ou parte do corpo, iii) preposição dativa ou locativa; enfim, a descrição semântica dessas construções raramente analisa o sentido do predicado complexo, mas basicamente dos argumentos que com ele se combinam.

Dentre os poucos trabalhos que lidam com a semântica dessas construções cita-se, por exemplo, Neves (1996, 2000), que propõe uma classificação semântica dos verbos-suporte, a qual se baseia na classificação verbal tradicional:

- Verbos-suporte de AÇÃO: dar um chute, fazer uma viagem.
- Verbos-suporte de PROCESSO: tomar conhecimento, tomar impulso.
- Verbos-suporte de ESTADO: ter conhecimento, ter noção.

No âmbito da FrameNet, há duas propostas de classificação semântica das construções com verbo-suporte: i) uma baseada no verbo (RUPPENHOFER *et al.*, 2006), em que os autores distinguem cinco classes (plain vanilla, aspectual, ponto de vista, registro e

causativo); ii) e outra baseada na semântica do nome predicativo (DURA e GAWRONSKA, 2002), em que os autores propõem sete categorias de nomes (artefato narrativo, atividade com objetivo, manipulação do corpo humano, movimento corporal, evento social, comportamento incomum e outros).

Autores que adotam o Modelo do Léxico-Gramática como arcabouço teórico (GROSS, 1994; LE PESANT, 1994, 1998; BUVET, 1998; MATHIEU-COLAS, 1998) tratam os nomes a partir de classes de objetos, ou seja, os substantivos são agrupados por classes semânticas e essas classes refletem restrições sintáticas e distribucionais. Essas classes semânticas poderiam ser adotadas para classificar também os nomes predicativos, além dos substantivos concretos que exercem função de argumentos frasais.

Nenhuma dessas tipologias tem como objetivo classificar todas as ocorrências de verbo-suporte ou todos os Npred, mas sim caracterizar como algumas construções podem ser agrupadas por tipos relativamente estáveis. Nenhuma delas, porém, analisa a associação do verbo com o Npred, constituindo um predicado complexo. O que faz com que (4) e (5) sejam conversos? Ou que (6) e (7) estabeleçam uma relação causativa? Ou ainda que (8), (9) e (10) sejam intercambiáveis em todos os contextos?

- (4) *Zé deu um soco em Rui.*
- (5) *Rui levou um soco de Zé.*
- (6) *Ana dá medo em Leo.*
- (7) *Leo tem medo de Ana.*
- (8) *Bia deu um chique.*
- (9) *Bia fez um chique.*
- (10) *Bia teve um chique.*

Objetivando responder a essas questões, buscamos os tipos de relações semânticas que se podem estabelecer entre sentenças. Jordan (1992) identifica 69 relações semânticas entre pares de sentenças em um texto, distribuindo-as em 8 tipos de relações semânticas: *detail, general, logical, modal, time, text manipulation, special* e *other*. Segundo Jordan, essas relações capturam a forma como os conhecimentos contidos em um texto se relacionam, sem contudo capturar as intenções do escritor, tal como o fazem as relações retóricas RST, por exemplo (MANN e THOMPSON, 1987).

Diferentemente de Jordan, Kheler (2002) elenca apenas três relações semânticas: *resemblance, cause-effect* e *contiguity* e garante que elas conseguem abarcar todas as relações propostas por outras teorias de estruturação do discurso.

Além dessas relações, poder-se-iam citar vários outros trabalhos que identificaram outras relações semânticas, tais como Winter (1971), Hoey (1983), Hoey e Winter (1986). Nenhum desses conjuntos de relações pode ser adotado por este trabalho porque todos eles lidam com sentenças dentro de um texto, portanto, preveem uma organização textual diferente da análise de sentenças soltas.

A Lógica Formal estabelece algumas propriedades semânticas entre proposições, tais como: tautologia, satisfação, contingência, contradição, implicatura, pressuposição, dentre outras, mas essas relações não são tão refinadas para que possam ser usadas na presente abordagem. Diante do desconhecimento de um rol de relações semânticas que satisfaçam as propriedades das construções com verbos-suporte, será criado, na seção 4, um rol especial.

3. Metodologia

O estudo ora apresentado é uma análise comparativa de dados baseados em corpus, portanto é uma pesquisa empírica quantitativa e qualitativa que visa a identificar as ocorrências do fenômeno e tratá-las de forma que a descrição final possa ser formalizada.

O *corpus* adotado para o recenseamento das ocorrências é o PLN.Br FULL (BRUCKSCHEN *et al.*, 2008), desenvolvido por pesquisadores do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) ICMC/USP - São Carlos. O PLN.Br FULL é constituído de artigos jornalísticos e possui 96.868 textos com 26.425.483 *tokens* distribuídos em 12 anos de publicações do Jornal Folha de São Paulo – 1994 a 2005. Eventualmente também foram utilizados os motores de busca *Google* e *Yahoo Search* para efetuar pesquisas específicas na *web*.

Como ferramenta de auxílio ao recenseamento dos dados, foi utilizado o Unitex 3.1 Beta (PAUMIER, 2002), que permite a busca e o pré-processamento de qualquer lexia em grandes *corpora* em tempo real. As informações linguísticas estão disponíveis no Unitex por meio de dicionários eletrônicos e gramáticas, representados por autômatos de estados finitos. Dessa forma, a ferramenta possibilita fazer buscas rápidas por padrões sintáticos previamente definidos.

Foram recenseados do *corpus* cerca de 6.000 nomes predicativos combinados com qualquer dos três verbos-suporte de análise. Das 6.000 entradas, apenas 143 Npred são associados conjuntamente aos três verbos-suporte *dar*, *fazer* e *ter* e serão, portanto, os objetos de análise e descrição.

4. Relações semânticas identificadas

4.1. Causa e efeito

Causa e *efeito* são duas relações semânticas diferentes, mas que se pressupõem mutuamente. A diferença entre elas pode ser apenas de foco, ou relacionada à intenção comunicativa. É possível formular uma sentença que expresse causa – e que seja o foco do discurso –, e esta implicará uma sentença que instaure o efeito, como (11) e (12), respectivamente.

(11) *Zé deu medo em Ana.*

(12) *Ana teve medo de Zé.*

É possível inverter o foco do discurso e priorizar o efeito, o que também implicaria uma causa, como em (13) e (14), respectivamente.

(13) *Bia tem inveja de Eva.*

(14) *Eva faz inveja em Bia.*

A relação de *causa* implica a existência de uma relação de *efeito*, então há duas relações diferentes dependendo do ponto de vista que se adota. Do ponto de vista do agente, causa ou instrumento, a relação é de *causa*, como em (11) e (14). Do ponto de vista do experienciador ou paciente, a relação existente é de *efeito*, como em (12) e (13).

Em geral, os verbos-suporte *dar* e *fazer* expressam a causa, podendo ser classificados como causativos (BAPTISTA, 2005b; RUPPENHOFER *et al.*, 2006), e os verbos *ter*, *ficar com* e *estar com* expressam o efeito da ação, como contraparte da causa.

Há casos em que o nome predicativo usado para expressar a causa passa por um processo de transformação (HARRIS, 1961) e muda para outra categoria gramatical. É o caso da maioria dos nomes predicativos acrescidos dos sufixos *-ância*, *-ência*, *-dade*, *-ção*, dentre outros. Mesmo alternando o nome predicativo para um adjetivo, por exemplo, a relação continua sendo de *causa*, pois existe uma Fusão (GROSS, 1981) entre duas sentenças de forma que um dos elementos se apaga.

(15) *O advogado deu transparência ao processo.*

O advogado fez # O processo tem transparência.

O advogado fez o processo ter transparência.

(16) *O processo tem transparência.*

= *O processo (está + ficou + tornou-se) transparente.*

Todos os nomes predicativos do Quadro 1 possuem essa propriedade e podem passar pelo processo de Fusão para transformarem-se em adjetivos predicativos.

abatimento	adequação	apoio	auto-suficiência	conclusão	drama
abertura	afetividade	apoio moral	capacidade	concretizaçã	durabilidade
abordagem	afinação	apreço	celebridade	concretude	educação
abrangência	agilidade	aprovação	celeridade	confiabilidad	educação
acabamento	agressividad	aptidão	cidadania	e	sexual
acanhamento	e	aqueciment	cientificidade	consistência	efetivação
aceitação	ambiguidade	o	clareza	corporeidade	efervescência
aceleração	ambivalênci	arejamento	coerência	corporificaçã	efetividade
acolhimento	a	arrogância	coesão	o	eficácia
acompanhament	amoleciment	arrumação	comodidade	criatividade	eficiência
o	o	atualidade	competência	destaque	elasticidade
acompanhament	amplidão	autenticidad	competitividad	destreza	elegância
o	amplificação	e	e	determinação	emergência
atualidade	amplitude	autonomia	complexidade	dignidade	enuncividade
atualização	andamento	autoridade			
	aplicação				

Quadro 1: Amostra de nomes predicativos que admitem processo de Fusão

4.2 Identidade

A relação de identidade corresponde a uma equivalência inequívoca entre diferentes predicados complexos que instanciam os mesmos argumentos. Ao comparar as construções com diferentes verbos-suporte e o mesmo nome predicativo, reconhecemos uma equivalência semântica entre elas, o que indica a relação de identidade.

(17) *Ana deu um chiquete.*

Ana fez um chiquete.

Ana teve um chiquete.

Em geral, as construções que admitem a relação de identidade são as construções com apenas uma posição argumental a ser preenchida. Observam-se poucas ocorrências de identidade entre construções com duas posições argumentais, como em (18):

(18) *Ivo deu uma participação no Programa do Jô.*

Ivo fez uma participação no Programa do Jô.

Ivo teve uma participação no Programa do Jô.

4.3 Conversão

A conversão pode ser entendida como uma propriedade transformacional de algumas construções com predicados complexos, ou seja, uma operação equivalente à passiva nas

construções verbais, sendo considerada como uma passiva nominal (GROSS, 1989, 1993). Baptista (2005b, p.184) considera a conversão uma operação sintática em que há permuta do argumento com função de sujeito pelo argumento que é o complemento preposicional em torno do núcleo predicativo da frase, sem que o sentido global seja alterado.

Neste trabalho, consideramos que a conversão também deve ser entendida como uma relação semântica entre diferentes predicadores, pois o que sustenta a definição dessa relação é o fato de não alterar o significado das frases, mesmo que os argumentos mudem de posição. Seguem alguns exemplos de construções conversas:

(19) *Zé fez um elogio a Ana.*

Ana teve um elogio de Zé.

(20) *Rui deu uma demonstração a Bia.*

Bia teve uma demonstração de Rui.

Como operação sintática, entende-se que o complemento da frase *standard* ocupa a posição de sujeito da frase conversa e o sujeito da frase *standard* se torna o complemento preposicionado introduzido por *de*, seguido de um nome humano (Nhum) na frase conversa. Há uma mudança estrutural nessas construções, mas o papel semântico dos argumentos continua o mesmo (ex. *Rui* é o agente do predicado em (20), enquanto *Bia* é o beneficiário do processo). Como relação semântica, depreende-se que existe uma inversão no foco do discurso, semelhante ao que ocorre com as relações de causa e efeito.

Em geral, as construções com os verbos-suporte *dar* e *fazer* fazem sua contraparte conversa com o verbo-suporte *ter*, como demonstram (19) e (20), mas também há casos em que construções com *fazer* e com *dar* são conversas, conforme ilustra (21):

(21) *O jornal fez uma entrevista com Rui.*

Rui deu uma entrevista ao jornal.

Gross (1993) descreveu longamente os predicados que admitem a conversão e estabeleceu as seguintes propriedades comuns a essas construções: i) inversão da ordem dos argumentos, ii) apagamento do agente, iii) bloqueio da passiva quando há complementos correferentes ao sujeito. Essa transformação também foi estudada, dentre outros, por Ranchhod (1990), Baptista (1997) e Baptista (2005b).

4.4 Simetria

A relação de simetria é identificada quando dois argumentos desempenham o mesmo papel semântico em relação ao núcleo predicativo, constituído por verbo-suporte + nome predicativo. A relação semântica é estabelecida, não entre construções com dois verbos diferentes, mas entre construções com o mesmo verbo-suporte e o mesmo nome predicativo, instanciado por diferentes argumentos, como em:

(22) *Zé teve uma discussão com Ana.*

Ana teve uma discussão com Zé.

(23) *Zé fez as pazes com Ana.*

Ana fez as pazes com Zé.

(24) *Zé deu uns amassos em Ana.*

Ana deu uns amassos em Zé.

Em geral, nos predicados com duas posições a serem preenchidas, N0 e N1 são permutáveis. Essa troca de lugar dos argumentos não implica diferença de sentido da construção, por isso, diz-se que os argumentos são simétricos. Vale notar que os argumentos simétricos devem pertencer, necessariamente, à mesma classe distribucional. Em predicados simétricos que exigem três argumentos, as posições de N1 e N2 são intercambiáveis, como no exemplo seguinte:

(25) *Rui fez a comparação de Eva com Bia.*

Rui fez a comparação de Bia com Eva.

Rui fez a comparação entre Bia e Eva.

Segundo Barros (2013), a preposição predominante das construções simétricas é *com*, mas também se observa com a preposição *contra* ou a preposição *entre* e a conjunção aditiva *e*, conforme indicado em (25).

Baptista (2005a) e Godoy (2008) apresentam trabalhos de descrição da simetria em construções verbais, adjetivais e nominais.

(26) *Pedro casou-se com Ana.*

Ana casou-se com Pedro.

(27) *O ponto A é coincidente com o ponto B.*

O ponto B é coincidente com o ponto A.

(28) *Pedro teve um conflito com João.*

João teve um conflito com Pedro.

Com relação às construções verbais, a relação de simetria é mais comum com os verbos-suporte *fazer* e *ter*, e menos frequente nas construções com o verbo *dar*.

5. Conclusões

Este trabalho apresentou uma comparação entre construções verbais compostas por diferentes verbos-suporte associados aos mesmos nomes predicativos. Essa comparação permitiu estabelecer as seguintes relações semânticas entre as construções: causa, efeito, identidade, conversão e simetria. Apesar de não ter sido um trabalho exaustivo, é possível concluir que grande parte das construções com verbos-suporte admitem as relações semânticas propostas neste trabalho.

O rol de relações identificado para essa amostra de construções (total de 139 predicados complexos) não é fechado, podendo ser complementado por outras relações semânticas em trabalhos posteriores. É possível que, numa análise com outros verbos-suporte – além de *dar*, *fazer* e *ter* – identifiquem-se outras relações igualmente produtivas.

Por fim, é importante ressaltar a necessidade de descrições linguísticas como esta para aplicações em ferramentas e sistemas de Processamento Automático de Linguagem Natural (PLN). Os recursos computacionais que agregam informação semântica são ainda muito escassos para o português, portanto esse tipo de descrição deve ser incorporada a recursos léxico-computacionais.

Referências Bibliográficas

ATHAYDE, M. F. Construções com verbo-suporte (funktionsverbgefüge) do português e do alemão. Number 1. In: *Cadernos do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos*. Universidade de Coimbra, Portugal, 2001.

BAPTISTA, J. Sermão, tarefa e facada: uma classificação das expressões conversas dar-levar. In: *Seminários de Linguística 1*, Unidade de Ciências Exactas e Humanas. Universidade do Algarve: Faro, 1997.

_____. Fazer / Fazer com: um verbo operador do português. In: *Seminários de Linguística 3*, Unidade de Ciências Exactas e Humanas. Universidade do Algarve: Faro, 1999.

_____. *Sintaxe dos Predicados Nominais construídos com o Verbo-suporte SER DE*. 2000. 369p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Algarve, Faro, Portugal, 2000.

_____. Construções simétricas: argumentos e complementos. In: RIO-TORTO et al. (coords.) *Estudos em Homenagem ao Professor Mario Vilela*. Vol. 1. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005a, pp. 353-367. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4572.pdf>> Acesso em 22-mar-2013.

_____. *Sintaxe dos Predicados Nominais com SER DE*. Lisboa: Calouste Gulbenkian/FCT, 2005b.

BARROS, C. D. Descrição e classificação de predicados nominais com o verbo-suporte fazer no português do Brasil. In: *Seminário do GEL*, 61, São Paulo. Anais do 61º Seminário do GEL, 2013 (no prelo).

_____ et al. Tipologia sintática das construções com os verbos-suporte dar, fazer e ter. In *Proceedings da Jornada de Descrição do Português*, JDP-STILL, 2013 (no prelo).

BASÍLIO, M. Questões clássicas e recentes na delimitação de unidades lexicais. In: *Palavra*, 5, 1999.

BRUCKSCHEN, M. et al. Anotação Linguística em XML do Corpus PLN-BR. *Série de Relatórios do NILC*, NILC-TR-09-08, (39 p.), 2008.

BUVET, P. A. Détermination et classes d'objets. In: *Langages*, nº 131, Larousse, pp.91-102, 1998.

CHACOTO, L. *O verbo fazer em construções nominais predicativas*. Tese (Doutorado em Linguística/ Sintaxe), Universidade do Algarve, Portugal, 2005.

DURA, E. & GAWRONSKA, B. *Towards Automatic Translation of Support Verbs Constructions: the Case of Polish robic/zrobic and Swedish göra*, 2002. Disponível em <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary>> Acesso em 13-jun-2013.

DURAN, M. S. et. al. Identifying and Analyzing Brazilian Portuguese Complex Predicates. In: *Proceedings of the Workshop on Multiword Expressions: from Parsing and Generation to the Real World*. Association for Computational Linguistics, Portland, Oregon, USA, 2011.

GIRY-SCHNEIDER, J. *Les nominalisations en français : l'opérateur "faire" dans le lexique*. Genova : Librairie Droz, 1978.

_____. *Les nominalisations en français*. Genova: Librairie Droz, 1987a.

_____. *Les prédicats nominaux en français*. Genova: Librairie Droz, 1987b.

GODOY, L. *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GROSS, M. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann, 1975.

_____. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. In: *Langages*, n.63, p.7-52, 1981.

_____. La fonction sémantique des verbes supports. In: *Travaux de linguistique*, 37, pp. 25-46. Bruxelles: Duculot, 1998.

GROSS, M.; VIVÉS, R. Les constructions nominales et l'élaboration d'un lexique-grammaire. *Langue Française*, 69, p. 5-27, 1986.

GROSS, G. *Les constructions converses du français*. Droz, Genève, 1989.

_____. Les passifs nominaux. In: *Langages*, 27(109):103–125, 1993.

_____. Classes d'objets et description des verbes. In: *Langages*, n° 115, Larousse, pp.15-30, 1994.

HARRIS, Z. Strings and transformations in language description. In: *Papers on formal linguistics*, 1, 1961.

HOEY, M. P. The place of clause relational analysis in linguistic description. In: *English Language Research Journal*, n°4, 1983.

HOEY, M. P. & WINTER, E. O. Clause relations and the writer's communicative task. In: COUTURE, B. (ed.). *Functional Approaches to Writing*. London: Frances Pinter, 1986.

JORDAN, M. P. An Integrated Three-Pronged Analysis of a Fund-Raising Letter. In: MANN, W. C. & THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse Description: Diverse Linguistic Analyses of a Fund-Raising Text*, pp. 171-226, 1992.

KEHLER, A. *Coherence, Reference and the Theory of Grammar*. CSLI Publications, 2002.

LABELLE, J. Le prédicat nominal avec support *avoir*: contribution à l'étude de la phrase simple. In: GUILLET, A. & LA FAUCI, N. (eds.) *Lexique-grammaire des langues romanes*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, pp.165-198.1984.

LA FAUCI, N. & MIRTO, I. M. *Fare: elementi di sintassi*. Pisa-Itália: Edizioni ETS, 2003.

LECLÈRE, C. Remarques sur les substantifs opérateurs. In: *Langue française*. Vol. 11, n°1. Syntaxe transformationnelle du français. pp. 61-76 1971.

LE PESANT, D. Les compléments nominaux du verbe *lire*, une illustration de la notion de "classe d'objets". In: *Langages*, n° 115, Larousse, pp.31-46, 1994.

LE PESANT, D. & MATHIEU-COLAS, M. Introduction aux classes d'objets. In: *Langages*, n° 131, Larousse, pp.6-33, 1998.

MANN, W. C. & THOMPSON, S. A. *Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization*. Technical Report ISI/RS-87-190, 1987.

MATHIEU-COLAS, M. Illustration d'une classe d'objets: les voies de communication. In: *Langages*, n° 131, Larousse, pp.77-90, 1998.

NEVES, M. H. M. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, I. V. (org.). *Gramática do português falado*. Vol VI: desenvolvimentos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

_____. *A gramática funcional*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

PAUMIER, S. *Unitex: manuel d'utilisation*. França: University of Marne-la-Vallée, 2002.

RANCHHOD, E. M. *Sintaxe dos predicados nominais com Estar*. Lisboa: INIC - Instituto Nacional de Investigação Científica. 1990.

RASSI, A. P. et al. Correlações sintático-semânticas entre as construções com os verbos-suporte *dar, ter e fazer*. In: LAPORTE, E. et al (orgs.) *Dialogar é preciso: Linguística para o processamento de línguas*. PPGEL/UFES, 2013.

RUPPENHOFER, J. et al. *FrameNet II: Extended Theory and Practice*. Berkeley, California: International Computer Science Institute, 2006.

SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve dar e nominalizações em –ADA no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Instituto de estudos de Linguagem, Unicamp, 2004.

SILVA, H. M. F. *Verbo-suporte e expressões cristalizadas: um enfoque sintático-semântico-discursivo*. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

WINTER, E. O. *Connection in science material: A proposition about the semantics of clause relations*. Centre for Information on English Language Teaching and Research, 1971.

UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS *CLUSTERS* DOS VERBOS *SER, ESTAR, ANDAR E TRAZER*

Gabriele Cristine CARVALHO (UFMG/IFMG- *campus* Congonhas)⁷⁰¹

Resumo: Neste trabalho, realizou-se uma análise dos *clusters* dos verbos *ser, estar, andar e trazer* em textos dos séculos XIV, XV e XVI. Foram utilizadas a teoria da Gramática baseada no Uso, proposta por Bybee (2006, 2010), os estudos históricos de Mattos e Silva (1992) e as considerações sobre verbo leve, desenvolvidas por Perini (ms). Obtiveram-se 1116 dados que foram classificados e quantificados manualmente. Após a análise quantitativa, realizou-se uma análise qualitativa. Os resultados da pesquisa sinalizam que esses verbos podem ser classificados como verbos leves. Além disso, eles compartilham alguns *clusters*, o que poderia indicar relações de herança entre eles.

Palavras-chave: Cluster de exemplos. Análise quantitativa. Verbo leve.

1. Introdução

Neste trabalho, realizou-se uma análise dos *clusters* dos verbos *ser, estar, andar e trazer* em textos de língua escrita pretérita dos séculos XIV, XV e XVI.

De acordo com Mattos e Silva (1992), os verbos *ser* e *estar* variam no período analisado, pois o verbo *ser* pode se apresentar nas construções descritivas e locativas com os traços de transitoriedade (contexto do verbo *estar*) e permanência. A autora também destaca que outros verbos também ocorriam nesses contextos no período, por isso os verbos *andar* e *trazer* são analisados. O verbo *andar* ocorre nas construções descritivas e locativas transitórias e o verbo *trazer* ocorre nas descritivas transitórias.

Foram utilizadas a teoria da Gramática baseada no Uso, proposta por Bybee (2006, 2010), os estudos de Mattos e Silva (1992) sobre os verbos *ser* e *estar*, as considerações sobre verbo leve, desenvolvidas por Perini (ms) e o modelo variacionista para o tratamento dos dados.

2. Trabalhos anteriores

Nessa seção, serão apresentados o trabalho de Perini (ms.), que desenvolveu algumas considerações sobre os verbos leves e uma breve resenha dos estudos históricos de Mattos e Silva (1992) sobre os verbos *ser* e *estar*.

2.1. Perini: a diferença entre verbos leves e verbos plenos

Segundo Perini (ms.), um verbo pleno deve especificar a natureza de um evento, especificar os papéis temáticos relacionados ao seu significado e distribuí-los aos diferentes complementos.

De acordo com o autor, essas funções não seriam integralmente cumpridas por um verbo leve. Observe-se o exemplo a seguir:

(1) José está com medo.

⁷⁰¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos, no Poslin/UFMG e professora efetiva de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no IFMG – *campus* Congonhas. Orientada pela Profa. Dra. Evelyne Dogliani. Reside em Santa Luzia/MG, Brasil. E-mail: gabriele.carvalho@ifmg.edu.br .

Nesse caso, pode-se dizer que o verbo *estar* especifica a natureza do evento (é um evento estativo), mas é difícil dizer que esse verbo sozinho projeta os papéis temáticos associados a seu significado e os distribui a diferentes complementos. No exemplo (1), somente a partir da leitura composicional de *estar com medo* obtém-se a interpretação de que o argumento *José* é um experienciador. O mesmo ocorre com os verbos *ser*, *andar* e *trazer* em muitos contextos, já que o significado verbal só é obtido por meio dessa leitura composicional.

2.2. Mattos e Silva: uma análise histórica dos verbos *ser* e *estar*

Mattos e Silva (1992) estudou a variação de *ser* e *estar* nas estruturas atributivas. A autora ressalta que o verbo *ser* era utilizado denotando permanência e transitoriedade em textos do período arcaico. Em outras palavras, o verbo *ser* cobria o campo semântico do verbo *estar*.

Vejamos alguns exemplos⁷⁰²:

a) Locativo transitório:

- (2) Seendo o honrado padre en sa cela.
- (3) O servo de Deus estando en sa cela.

b) Descritivo transitório:

- (4) Ca as donas que enton presentes foram, contaram-no aa outras.
- (5) Fez sa oraçon estando el-rei presente.

Analisando esses verbos, em textos da 2ª metade do século XIV, Mattos e Silva (1992) verifica que o verbo *estar* predomina nas locativas transitórias (70,7%). Quanto às descritivas, o verbo *ser* predomina nas estruturas que denotam permanência e transitoriedade. Os dados do século XV apresentam o mesmo comportamento que os dados do século anterior, conforme se pode constatar na tabela 1.

Tabela 1- Distribuição dos verbos *ser* e *estar* nas estruturas locativas e descritivas transitórias.

Século XV	Locativas transitórias	Descritivas transitórias	Total
Ser	26,2%	77,8%	100%
Estar	73,8%	22,2%	100%

A análise de dados do século XVI permitiu Mattos e Silva (1992) concluir que a mudança, que levou à oposição semântica entre *ser/estar*, estava terminada nesse século. Além disso, a autora defende que o verbo *estar* difundiu-se dos contextos locativos para os descritivos.

Nessa pesquisa, a autora declara que outros verbos, além de *ser* e *estar*, ocorrem também nas estruturas locativas e descritivas para denotar permanência e transitoriedade, mas que excluiu da análise esses verbos. Dentre eles, a autora cita o verbo *andar*, objeto de estudo desta pesquisa.

3. O referencial teórico

⁷⁰² Exemplos retirados de Mattos e Silva (1992, p.88-89).

Utilizou-se a teoria da Gramática Baseada no uso, proposta por Bybee (2006, 2010), segundo a qual a frequência de determinadas construções pode afetar sua representação mental.

Em relação ao armazenamento dos dados, a autora afirma que os *tokens* de experiência são organizados em uma rede, em que novos *tokens* idênticos são armazenados juntos. Os *tokens* semelhantes aos existentes são armazenados próximos a eles, formando *clusters de exemplos*. De acordo com Bybee (2006), as construções seriam armazenadas de forma semelhante, i. e., as construções que apresentam uma semelhança formal e uma coerência semântica seriam armazenadas próximas umas às outras.

No presente trabalho, foram analisados e classificados os *clusters* dos verbos *ser*, *estar*, *andar* e *trazer*. Como se verá, em alguns casos, esses verbos compartilham o mesmo *cluster de exemplos*.

4. Metodologia

A metodologia da coleta e análise quantitativa dos dados orientou-se pelo modelo variacionista laboviano, já que as evidências fornecidas pelos estudos de Mattos e Silva (1992) mostram que os verbos *ser* e *estar*, nos séculos XIV e XV, apresentam comportamento variável, em construções que apresentam o traço semântico de transitoriedade. Além disso, a autora afirma que outros verbos correlatos também ocorriam nessas estruturas no período, por isso os verbos *andar* e *trazer* também foram estudados. Nesta pesquisa, analisaram-se os verbos *ser*, *estar*, *andar* e *trazer*, em textos dos séculos XIV, XV e XVI. Obtiveram-se 1116 dados que foram separados, classificados e quantificados manualmente. Após a análise quantitativa, realizou-se uma análise qualitativa dos dados.

5. Descrição e análise dos dados

Nessa seção, serão descritos os *clusters de exemplos* dos verbos *ser*, *estar*, *andar* e *trazer*. Posteriormente, serão analisados os contextos e os *clusters de exemplos* compartilhados por esses verbos.

5.1. Descrição dos *clusters* do verbo *ser*

Constatou-se que o verbo *ser* ocorre em 10 contextos diferentes (cf. tabela 2), ilustrando 39 tipos de *clusters*, no período analisado.

Tabela 2- Distribuição do verbo *ser*.

Ser	Nº	%
Descritivo permanente	509	57%
Descritivo transitório	68	8%
Locativo transitório	32	4%
Passiva	226	25%
Mudança de estado	16	1,6%
Acontecimento	12	1,1%
Existência	26	2,7%
Posse abstrata	3	0,3%
Auxiliar em tempos compostos	1	0,1%
Expressão idiomática	2	0,2%

O verbo *ser* ocorre preferencialmente nas estruturas descritivas permanentes (57%). Mas também há um volume grande construções em que ele se apresenta como auxiliar, em construções em que o verbo está na voz passiva (25%); denotando uma descrição transitória (8%) e em estruturas locativas transitórias (4%). Apresenta-se, em menor número, indicando existência (2,7%), acontecimento (1,1), mudança de estado (1,6%), posse abstrata (0,3%), expressão idiomática (0,2%) ou como auxiliar de tempos compostos (0,1%).

Estes são os *clusters de exemplos* que ocorreram em cada contexto desse verbo.

I- Nas estruturas descritivas permanentes :

- A) Ser + adjetivo
- B) Ser + SN (substantivo concreto)
- C) Ser+ SN (substantivo abstrato)
- D) Ser + SN (pronome)
- E) Ser + advérbio
- F) Ser + numeral
- G) Ser + oração
- H) Ser + complementizador + oração
- I) Ser + SPrep (sem, em, de, com, contra)+ substantivo abstrato

II- Nas estruturas descritivas transitórias:

- A) Ser+ adjetivo/particípio passado
- B) Ser + SPrep (a, em) + SN (substantivo abstrato)
- C) Ser + SPrep (com) + SN (substantivo concreto)
- D) Ser + advérbio
- E) Ser + pronome (único exemplo)
- F) Ser + preposição (por)+ oração

III- Nas estruturas locativas transitórias:

- A) Ser + advérbio
- B) Ser + SPrep (em) + SN (substantivo abstrato)
- C) Ser + SPrep (em, entre) + SN (substantivo concreto)
- D) Ser + SPrep (em) + SN (pronome)

IV- Como auxiliar nas construções em que o verbo *ser* está na voz passiva:

- A) Ser+ particípio passado

V- Indicando mudança de estado:

- A) Ser + adjetivo/particípio passado
- B) Ser + SN (substantivo abstrato)
- C) Ser + Sprep (em) +SN (substantivo abstrato)
- D) Ser + SN (substantivo concreto)

VI- Indicando acontecimento:

- A) Ser + SPrep (por)+ advérbio
- B) Ser + SPrep (por) + SN(substantivo abstrato)
- C) Ser + oração
- D) Ser + complementizador+ oração

VII- Denotando existência:

- A) Ser + SPrep (de) + SN (substantivo abstrato)

- B) Ser + substantivo abstrato
- C) Ser + SPrep (de) + SN (substantivo concreto)
- D) Ser + SPrep (em) + SN (pronome)
- E) Ser+ advérbio
- F) Intransitivo

VIII- Posse abstrata:

- A) Ser + SPrep (de) + SN (substantivo abstrato)
- B) Ser + SN (substantivo abstrato)

XIX- Funcionando como auxiliar na formação de tempos compostos:

- A) Ser + particípio passado

X- Como expressão idiomática:

- A) Ocorreu a construção “ser dado a”, significando “fazer algo”.
- B) A construção “quanto é de” ocorreu com o significado de “em relação a”.

5.2. Descrição dos *clusters* do verbo *estar*

O verbo *estar* apresenta-se em 3 contextos de uso (cf. tabela 3), dividindo-se em 10 tipos diferentes de *clusters*, no período analisado.

Gráfico 3- Distribuição do verbo *estar*.

Andar	Nº	%
Descritivo transitório	30	33%
Locativo transitório	58	64%
Auxiliar	3	3%

O verbo *estar* ocorre predominantemente em construções de descrição transitória (64%), mas verificam-se também 33% de construções locativas transitórias com verbo *estar* e, em 3% das ocorrências, esse verbo funciona como auxiliar.

Os contextos e seus respectivos *clusters de exemplos* estão representados a seguir.

I- Em estruturas descritivas transitórias :

- A) Estar + SPrep (com, sem, de, em, por) + SN (substantivo abstrato)
- B) Estar + SPrep (com) + SN (substantivo concreto)
- C) Estar SPrep (com) + SN (pronome)
- D) Estar + adjetivo/ particípio passado

II- Em estruturas locativas transitórias:

- A) Estar + SPrep (em) + SN (substantivo abstrato)
- B) Estar + SPrep (a, sob, em, por) + SN (substantivo concreto) C) Estar + SPrep (em) + SN(pronome)
- D) Estar + SPrep (em) + advérbio
- E) Estar + advérbio

III- Funcionando como auxiliar :

Estar+ gerúndio

5.3. Descrição dos *clusters* do verbo *andar*

O verbo *andar* apresenta-se em 5 contextos diferentes (cf. tabela 4), e possui 12 tipos de *clusters*.

Tabela 4- Distribuição do verbo *andar*.

Andar	Nº	%
Descritivo transitório	39	61%
Locativo transitório	9	14%
Mover-se	5	8%
Ambíguo (mover-se/locativo)	6	9%
Auxiliar	5	8%

O verbo *andar* ocorre preferencialmente nas construções descritivas transitórias. Essas construções ilustram 61% dos dados. No restante dos dados, esse verbo divide-se de forma bastante homogênea, pois 14% das ocorrências referem-se às construções locativas transitórias; 9% são construções ambíguas, podendo ser interpretadas como *mover-se* ou como locativas transitórias; em 8% das ocorrências, o verbo *andar* significa *mover-se* e também, em 8% dos dados, *andar* é um auxiliar.

Os *clusters de exemplos* desse verbo são apresentados, a seguir, por contexto de uso.

I- Significando *mover-se*:

- A) Andar+oração adverbial de lugar
- B) Andar + SPrep (em, por) + SN (substantivo concreto)
- C) Andar + SN (substantivo concreto)

II- Em construções ambíguas, podendo ser interpretadas como *mover-se* ou como *locativas transitórias*:

- A) Andar + advérbio
- B) Andar + Sprep (por) + advérbio
- C) Andar + advérbio+ SPrep (em) + SN (substantivo concreto)
- D) Andar + SPrep (em) + SN (pronome)

III- Em estruturas locativas transitórias:

- A) Andar + advérbio

IV- Em estruturas descritivas transitórias:

- A) Andar + adjetivo/ particípio passado
- B) Andar + SPrep (em) + SN (substantivo abstrato)
- C) Andar + SPrep (com, por) + SN (pronome, substantivo concreto)

V- Funcionando como auxiliar:

- A) Andar + gerúndio

5.4. Descrição dos *clusters* do verbo *trazer*

O verbo *trazer* apresenta-se em 2 contextos diferentes (cf. tabela 5) e ilustra 4 tipos de *clusters*.

Tabela 5- Distribuição do verbo *trazer*.

Trazer	Nº	%
Transportar	33	50%
Descritivo transitório	33	50%

Os *clusters* apresentados pelo verbo *trazer*, em cada contexto de uso, são:

I- Significando *transportar*:

A) Trazer + SN (substantivo concreto)

II- Em construções descritivas transitórias:

A) Trazer + SN (substantivo concreto)

B) Trazer + SN (substantivo abstrato)

C) Trazer + SPrep + SN (substantivo abstrato)

5.5- Análise comparativa

Os verbos *ser*, *estar*, *andar* e *trazer* apresentam, em comum, o fato de ocorrerem em construções descritivas transitórias. Vejamos alguns exemplos retirados do *corpus* e, em seguida, observem-se os dados da tabela 6.

(6) “(...) e que mais somos certos que o havemos de ver e de contemplar sua face, a qual querubim nom é ousado olhar (...)” (NUNES, s.d., p. 123).

(7) “(...) onde outros mujtos deles estauam com moças e molheres e troueram dela muitos arcos e baretes depenas (...)” (CORTESÃO, 1943, fol. 8).

(8) “(...) e amdauam ja mais mansos e seguros antre nosdo que nos amdauamos antreles.” (CORTESÃO, 1943, fol. 11).

(9) “Traziaam ambos os beijos de baixo furados” (...) (CORTESÃO, 1943, fol. 2).

Tabela 6- Análise quantitativa das ocorrências dos verbos *ser*, *estar*, *andar* e *trazer* nas construções descritivas transitórias.

	Século XIV		Século XV		Século XVI	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ser	16	57%	46	51%	6	12%
Estar	10	35%	15	16%	5	10%
Andar	1	4%	14	15%	24	47%
Trazer	1	4%	16	18%	16	31%
Total	28	100%	91	100%	51	100%

A análise dos dados da tabela 6 permite constatar que, nos séculos XIV e XV, o verbo *ser* predomina nas estruturas descritivas transitórias. Contudo, no século XV, observa-se um aumento considerável dessas estruturas com os verbos *andar* e *trazer* e uma redução do verbo *estar* nesse contexto. No século XVI, os verbos *andar* e *trazer*, respectivamente, predominam nesse contexto de uso. Ressalte-se, que, ao contrário do que afirma Mattos e Silva (1992), o verbo *ser* continua a ser usado nas estruturas descritivas transitórias no século XVI.

Nesse contexto, os verbos estudados compartilham os seguintes *clusters*:

I- Ser/Estar/Andar/Trazer + SPrep + SN (substantivo abstrato)

II- Ser/Estar/Andar + adjetivo/particípio passado

III- Ser/Estar/Andar + SPrep + SN (substantivo concreto)

IV- Estar/Andar + SPrep + SN (pronome)

Pode-se observar que esses verbos compartilham um *cluster de exemplo* e os verbos *ser*, *estar* e *andar* compartilham mais dois *clusters* nas estruturas descritivas transitórias.

Os verbos *ser*, *estar* e *andar* apresentam outro contexto em comum: as locativas transitórias, como já havia destacado Mattos e Silva (1992). Observem-se estas ocorrências e os dados da tabela 7.

(10) “E mandou chamar todolos que eram naquele logar, e disse a rei Ramiro: (...)” (MATOSO, 1980, p. 209).

(11) “Este rei Ramiro trazia uu grande astrologo consigo que havia nome Aaman, e per suas artes tirou-a ua noite donde estava (...)” (MATOSO, 1980, p. 205).

(12) “E se amerceie daquela que anda fora, do qual nom sabes parte”(PEREIRA, s.d., p. 126).

Tabela 7- Distribuição dos verbos *ser* e *estar* nas descritivas e locativas transitórias.

	Século XIV		Século XV		Século XVI	
	N ^o	%	N ^o	%	N ^o	%
Ser	6	20%	17	39%	9	21%
Estar	24	77%	27	61%	27	61%
Andar	1	3%	-	-	8	18%

A comparação dos verbos *ser*, *estar* e *andar*, nas estruturas locativas transitórias, permite constatar que o verbo *estar* predomina nesse contexto de uso em todo o período analisado. Esse resultado corrobora a hipótese de Mattos e Silva (1992) de que o verbo *estar* difundiu-se das locativas para as descritivas transitórias.

Nas estruturas locativas transitórias, os verbos *ser*, *estar* e *andar* compartilham os seguintes *clusters*:

I- Ser/Estar/Andar + advérbio

II- Ser/Estar + SPrep + SN (substantivo abstrato)

III- Ser/Estar + SPrep + SN (substantivo concreto)

IV- Ser/Estar + SPrep + SN (pronome)

Como se viu, nas locativas transitórias, *ser*, *estar* e *andar* compartilham um *cluster* e os verbos *ser* e *estar* compartilham três *clusters de exemplos*. A existência de *clusters* comuns entre esses verbos pode indicar relações de herança entre eles⁷⁰³.

6. Considerações finais

A partir da análise dos dados, pode-se concluir que os verbos analisados podem ser considerados leves, já que o sentido verbal só é obtido pela leitura composicional do verbo e o sintagma/item lexical que completa seu sentido. Pode-se dizer que os verbos *ser* e *estar* são mais leves do que os verbos *andar* e *trazer*, pois aqueles só denotam a transitoriedade ou permanência de um evento, ao passo que estes, em um dos contextos usados, podem ser considerados verbos plenos.

Em relação à análise de *clusters*, pôde-se observar que os verbos analisados compartilham o contexto das *estruturas descritivas* e, dentro desse contexto, verificou-se que esses verbos compartilham *clusters de exemplos*. Os verbos *ser*, *estar* e *andar* também compartilham o contexto das *estruturas locativas transitórias* e *clusters de exemplos* utilizados nessas estruturas. Ressaltou-se que a existência de *clusters* comuns evidencia a presença de relações de herança entre essas construções.

Referências Bibliográficas

BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, 82, 711-733, 2006.

⁷⁰³ Não é o objetivo deste artigo explicitar as relações de herança entre essas construções, mas será objeto de pesquisas posteriores.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943. p. 135-187.

MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de Estudo da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, ano1, v.1, p. 85-99, jul./dez. 1992.

MATTOSO, J. (Ed.). *Portugaliae Monumenta Histórica; a saeculo octavo post quintumdecimum iussu academiae scientiarum olisiponensis edita*. Livro de linhagens do conde D. Pedro. Lisboa: Academia das Ciências, 1980. Volume II/I. p. 204-222, 295-299, 393-396. (Banco de textos (FALE/UFMG) para pesquisa em Linguística Histórica.

NUNES, J.J. Vida de Santa Pelágia (*Revista Lusitana*, vol. X, 1907). In: FERREIRA, M. E. T. (Org.). *Poesia e prosa medievais*. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, s.d.

PEREIRA, E. (Ed.). Vida de Santo Aleixo (*Revista Lusitana*, vol. I, 1887). In: FERREIRA, M. E. T. (Org.). *Poesia e prosa medievais*. Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, s.d.

PERINI, Mário A. (ms.) *O papel temático: relação cognitiva e instrumento de descrição*.